

O colecionador

Fetiches, pilhagens e vitrines

Ademir Demarchi

Doutorando na Universidade de São Paulo

Para Raúl Antelo

Resumo

A ética do colecionador, de subtrair para somar e expor os objetos de sua coleção como fetiches originais em plena época de reprodução em massa, é um dos aspectos desta análise da seção “Os Arquivos Implacáveis”, publicada por José Condé no suplemento “Letras & Artes” (de *A Manhã*, Rio, 1946-53). Ao mesmo tempo em que a coleção de objetos relativos aos intelectuais permite a um assumido sublitterato o prestígio necessário para fazer parte do meio, expõe os meandros do mercado constituindo-se em vitrine desse meio.

Palavras-chave

Coleção; “Letras & Artes”; *A Manhã*; José Condé.

Abstract

The collector's ethics, of subtracting for summing up and to expose his collection's objects as original fetiches in such a time of serial reproduction is an analysis aspect of “Os Arquivos Implacáveis” (The Implacable Archivs), section published by José Condé in the supplement “Letras & Artes” (In *A Manhã*, Rio, 1946-53). The objects collection relatives to the intellectuals allows, at the same time, to an assumed sublitterate the prestige which is necessary for taking part in the ambience, and shows us the meanders of the market turning itself the display window of this same ambience.

Keywords

Collection; “Letras & Artes”; *A Manhã*; José Condé.

Fetiches

Transitando na época da fabricação em série, o colecionador naturalmente recusará o objeto comum a todos e ambicionará apenas aquele auratizado por uma condição de originalidade intocada pela reprodução em massa que o torna banal. Um colecionador que tenha por predileção a literatura desejará a primeira edição de uma obra, preferencialmente com a autenticação do autor, uma assinatura, uma dedicatória especial; o primeiro exemplar da primeira edição; seu manuscrito, o primeiro esboço, o bilhete.

Aquele mais obcecado pela coleção e sua originalidade ambicionará os objetos pessoais do autor, encantados com a aura que contém daquele que criou, que teve o dom de dar vida a um ser, sua criatura: o “mistério da criação artística”, fundamento teológico do colecionador — uma caneta, uma foto, um postal, um autógrafo. Tão mais raros quanto irreais, os objetos devem ter o encanto de existência única, uma bizarria própria, um *élan*. A foto de um autor quando bebê — Octávio de Faria com um ano; ou Edgard Cavalheiro travestido de *cowboy*; ou de cangaceiro, como Newton Freitas; ou flagrado num instante de intimidade como Manuel Bandeira com a mãe e a irmã — ou ainda Getúlio Vargas de bigodes: a distinção, o desconhecido, o inabitual.

O colecionador, aquele mais obsessivo em fidelidade à sua coleção, mais a ela que aos “santos” que produzem a aura dos objetos que ambiciona, tem somente um objeti-

vo — ampliar a sua coleção. Para o colecionador a posse é “a mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas”, numa explicação de outro colecionador, Walter Benjamin.¹

Subtrair para somar

Essa lógica determinista e determinada do colecionador em relação à coleção nos remete à ética que o orienta. Falar em ética do colecionador é falar na ética da coleção: sendo ela a possuir o colecionador, o encontro mais importante de todo exemplar é o de somar-se à coleção, talvez mais que o de encontrar-se com o colecionador como quer Benjamin, para o qual há uma ética de colecionador antecedendo à da coleção, residente na compra. Talvez não se possa dizer o mesmo de José Condé, um colecionador possuído pela coleção a ponto de reconhecer o furto como ética, ou falta dela, para melhor dizer, como forma de ampliar sua coleção.

Sublitterato por obsessiva despreensão

Condé encontrou na coleção de manuscritos, fotos, postais, caricaturas e outros obje-

tos de escritores e artistas a razão de sua existência, a ponto de, com o acúmulo significativo desses bens simbólicos, ganhar o direito de figurar ao lado dos textos dos escritores que venerava. Apesar disso afirmou não visar a “nenhuma notoriedade pessoal, antes procuro contribuir para que a glória dos outros cresça e se firme mediante esta contribuição”, chegando a reconhecer o lugar que lhe cabia no meio intelectual: o de “sublitterato”.

Por trás dessa aparente despreensão, não foi possível esconder o desejo de tornar-se um igual aos que venerava, nem tampouco ocultar o uso do prestígio acumulado para outros objetivos que propriamente a coleção. A manifestação do desejo de igualdade chegou a ser explicitada na seção “Os Arquivos Implacáveis”, que editou no suplemento “Letras & Artes” (*A Manhã*, Rio, 1946-53), onde publicou transcrições e símiles dos objetos colecionados.

Lá, através de um diário, gênero em alta à época, publicou notas sobre a intimidade que partilhava com escritores e artistas e registrou esse desejo de ser mais que satélite dos que admirava.² A elaboração de um diário registrando a convivência com os intelectuais de prestígio naquele momento dava-lhe a condição ambicionada de também ser considerado literato, situando-o além do mero lugar de colecionador de objetos “menores” dos escritores.

1 Walter BENJAMIN, “Rua de mão única”, in *Obras escolhidas*, trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa, São Paulo, Brasiliense, 1987, v. II, p. 235.

2 Eis a íntegra de sua “Explicação” ao iniciar a coluna no suplemento: “Ao iniciar, em *A Manhã*, a revelação da parte publicável do material literário que há longos anos venho colecionando, o que, se não me custou ainda sangue, já exigiu entretanto suor, lágrimas, dinheiro, incursões no Direito Penal e inúmeras caceteações — desejo dar uma explicação aos leitores deste suplemento. / Revelando esse material, que apresenta faces desconhecidas e às [vezes] insuspeitadas da vida dos escritores, não viso a nenhuma notoriedade pessoal, antes procuro contribuir para que a glória dos outros cresça e se firme mediante esta contribuição, que é das mais curiosas para conhecimento de existências que heroicamente se debruçaram sobre o mistério da criação artística. É esta a minha maneira de trabalhar pelas letras de meu país — colecionando o que deve ser colecionado, furtando o que deve ser furtado, importunando o escritor que deve ser importunado. / Sei que em muitos dos documentos que vão ser divulgados figurarão meu nome, sinal da posse conseguida com grande esforço. / Esqueçam, entretanto, o nome humilde,

Se a amizade com intelectuais deu suporte à coleção, esta, por sua vez, garantiu a Condé um espaço nos jornais e potencializou suas relações e ambições. O uso do poder acumulado seria usufruído de diversas maneiras: no *Jornal de Letras* que fundou com os irmãos em 1949; no pedido de sustentação econômica a Getúlio,³ destinada ao jornal; e na criação das Edições Condé, que publicou *10 histórias de bichos*, em 1947, prefaciada por Carlos Drummond de Andrade, que também a resenharia com pouca restrição e muitos elogios no “Letras & Artes”, oculto sob o pseudônimo de Policarpo Quaresma, Neto.⁴

Obsessão, auto-afirmação

Da amizade e do trabalho de secretariar escritores como fazia com José Lins do Rego, datilografando seus originais, surgiu a coleção

e olhem apenas o documento: eis o melhor programa para compreensão do arquivo. Convivendo há anos com quase todos os escritores do Brasil, acompanhando-os em sua criação literária e observando-os silenciosamente, sigo apenas o meu destino, que é dos mais modestos e trabalhosos. Destino e mania que só terminarão quando me mudar definitivamente para o cemitério de S. João Batista. / Quero esclarecer ainda que não me limitarei à divulgação de manuscritos, cartas, retratos, confissões, desenhos, curiosidades etc. Divulgarei ainda um caderno de notas onde venho anotando observações feitas no meu convívio com os escritores mais representativos do Brasil. Que estes não se assustem – serei imensamente discreto. / Espero a compreensão e a solidariedade de todos, e para me situar literariamente, longe de maldades e de intrigas, transcrevo tranqüilamente estas palavras do mestre e amigo Aurélio Buarque de Holanda, que desejo venham a ser a minha biografia intelectual: / – ‘Seu Condé, esse negócio de literatura é coisa muito séria. Você pode querer mistificar com os seus arquivos mas entrar na literatura, isso não. Você nunca passará de subliterato...’ / E acertou!’. José CONDÉ, “Os Arquivos Implacáveis”, *A Manhã*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 12 maio 1946, suplemento “Letras & Artes”, p. 8-9.

3 O suplemento dá notícia de campanha promovida com sucesso por intelectuais e artistas visando à “proteção” financeira de Getúlio Vargas a “iniciativas intelectuais”, sendo citado como exemplo o *Jornal de Letras*. Getúlio responde em seu tom habitual: “Como intelectual, compreendo perfeitamente as reivindicações (...) e com elas estou solidário. Sempre achei que o trabalhador intelectual merece tanto a proteção do Estado quanto o trabalhador manual”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 198, 18 mar. 1951, p. 3.

4 Carlos Drummond de ANDRADE (sob o pseudônimo de Policarpo Quaresma, Neto), “Através dos livros – a opinião do leitor”, *A Manhã*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 81, 11 abr. 1948, suplemento “Letras & Artes”, p. 3.

5 Freud, ao tratar da devoção, diz que “todos os detalhes dos atos obsessivos possuem um sentido, que servem a importantes interesses da personalidade” e “o que está sendo representado em atos obsessivos e em cerimoniais deriva das experiências mais íntimas do paciente, principalmente das sexuais”. Sigmund FREUD, “Atos obsessivos e práticas religiosas”, in *Obras completas*, trad. Maria Aparecida Moraes Rego, Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. IX, p. 121-31.

e dela o bilhete de entrada para o ambiente intelectual. A obsessão de colecionador em Condé é plenamente explicável no desejo expresso de auto-afirmar-se como intelectual, *malgré* seu capital e bilhete de entrada que já o definiam como “subliterato”. Não à toa Freud aliou os atos obsessivos às práticas religiosas.⁵ A coleção, exigindo a obsessão para se constituir, exige também um credo, uma beatificação do objeto – substratos esses, em Condé, calcados na tensão já registrada de ser mero subliterato que coleciona ambicionando ser ele mesmo um criador de objetos beatificados por sua própria aura.

Uma vez que é a posse ou o nada possuir que determina a posição numa classe, Condé, nada sendo, vai encontrar no acúmulo de bens simbólicos alienados de seu caráter de mercadoria e no modo como usa esses bens, transformando-os em símbolos, a fundamentação de sua distinção no meio intelectual.

Estima-se então a importância adquirida pela sua obsessão de colecionador e o sucesso alcançado com os “Arquivos Implacáveis”, sugestivo no nome que por si explica o material que ocupou as duas páginas semanais em *A Manhã* durante mais de três anos e depois transferiu-se para as páginas de *O Cruzeiro*.

Vitrines ou...

Os “Arquivos Implacáveis” foram, mais que o sentido delimitado no nome, uma vitrine do jornal para expor a intimidade da cultura e da política. Ocupando sempre duas páginas do suplemento “Letras & Artes”, subdividia-se em várias seções: “Diário”, que trazia anotações pessoais de Condé sobre escritores com os quais convivia; “Confissões”, com o depoimento de algum escritor sobre gênese de livro que havia publicado; “Álbum de família”, que publicava fotos pessoais de gente do meio cultural ou político; “Correspondência”, que transcrevia cartas pessoais de escritores; “Curiosidades”, que apresentava algum ícone como foto, desenho, caricatura etc. que fugisse à atividade conhecida de seu autor; “Galeria política”, que trazia alguma curiosidade ligada a políticos; “Flash”, uma ficha com hábitos e preferências de algum escritor, em tom de inquérito; “Pedacinhos de infância”, um depoimento sobre fatos da infância do escritor.

Como um simulacro de vitrine, os “Arquivos” expunham imagens da intimidade intelectual em profusão, quase desprezando o discurso cerrado, expositivo, do jornal. Privilegiando o que ficava à margem da vida exposta e mais conhecida das personalidades frequentadoras dos meios de comunicação de massa, os “Arquivos” situavam-se como um *relax*, a pausa para descanso no meio do jornal; entre uma crítica e um poema, a intimidade do poeta.

...buracos por onde se vê

Vitrine que expunha a intimidade invadida pelo colecionador, os “Arquivos” mostravam os objetos fetichizados pela sua origem, por terem pertencido a alguma personalidade do meio cultural. Tais pessoas eram para os ávidos consumidores da emergente cultura de massa como estrelas circulando em esferas acima dos olhos. Ao mesmo tempo, a curiosa presença dessas características da cultura de massa num veículo de cultura letrada apontava um dos sintomas da época, representado no declínio dessa cultura intelectualizada que perdia espaço para a avidez de consumo do banal.

“Letras & Artes”, através dos “Arquivos Implacáveis”, repetia a estética hollywoodiana, porém aplicada ao meio intelectual. Essa vitrine, uma página nua ao expor o inabitual, nua também por suprimir o texto e mostrar a imagem, fazia as vezes de espaço dedicado à crônica de hábitos e da intimidade dos artistas, políticos, escritores, funcionando para a massa *voyeur* como simulacro de buraco de fechadura por onde se expunha o curioso, o aparentemente proibido.

A aparente banalidade desses ícones num jornal sabidamente erudito se compensava pela forma letrada, erudita e aurática das personalidades que os autorizavam por ser de quem eram: “Mestre Aurélio numa caricatura feita por José Lins do Rego”, “Soneto escrito pelo governador Milton Campos aos 17 anos de idade”.

Em afinidade com o projeto de fazer de “Letras & Artes” um suplemento de massas, Condé cumpre um papel fundamental ao assemelhá-lo aos magazines populares, incorporando à literatura a linguagem dos magazines. Embora tendo-os como modelo, “Letras & Artes” mantém seu aspecto erudito, não chegando a copiar exatamente a crônica ou reportagem de costumes típicas da época, como fazia a *Revista da Semana*. Esta, como era sua prática, reportou a vida de José Lins do Rego, expondo a intimidade de sua família, narrada com texto e fotos do escritor com a mulher e filhas, jogando tênis ou na piscina

em trajes de banho como as típicas estrelas hollywoodianas.⁶

“Letras & Artes”, ao mostrar objetos capturados pelo colecionador, fragmentariamente, realiza uma espécie de complementação do imaginário da época ao fornecer aspectos da intimidade ou da gênese intelectual, encobertos pela aura da erudição, referentes ao *star-system* da cultura. As personalidades, assim, se heroificam nas páginas do suplemento, ao mesmo tempo em que se assemelham ao comum dos mortais ao mostrar suas fraquezas e vaidades, combinando o banal e o erudito, como objetos buscando o meio-termo do encanto.

Fichas-flashes e relações públicas

A constituição de um mercado de consumo de bens simbólicos fomentou a curiosidade sobre seus produtores, originando os típicos auto-retratos como os veiculados em “Flash” por Condé, que dava detalhes sobre a personalidade enfocada indo do número do sapato às preferências de leitura.

Tascables bem-humorados, as fichas-flashes remetem longinquamente às sempre mal-humoradas fichas biográficas da ainda recente polícia estado-novista. Mudanças de tempos, mudanças de hábitos. Sendo o leitor-consumidor agora o inquisidor, em certa medida interessava mais a imagem pública do autor que propriamente sua obra. O escritor era, então, apresentado como um produto bem-sucedido, numa atitude com-

pletamente diferente da que ocorria na década de 20, por exemplo, quando não havia um mercado constituído e a edição de obras e sua circulação mínima eram custeadas pelo próprio escritor⁷.

Relações públicas de primeira hora, por outro lado certamente Condé teve facilitada a sua vida de colecionador ao se basear na disputa existente entre os intelectuais para conseguir um lugar de destaque quer no meio intelectual quer nos meios de comunicação. Obrigados à exposição da intimidade, os intelectuais viam-se num constante retirar das gavetas os objetos curiosos que mantivessem seus donos em evidência no mercado, conseqüentemente garantindo maior fama, prestígio e solidificação.

E, de fato, há algo de cruelmente infantil na profusão de fotos de escritores em fraldas, combinando com floreadas páginas temáticas ilustradas por Santa Rosa e poemas sobre o jardim ou o Natal. Algo somente explicável no mercado, nos olhos ávidos do consumidor-leitor movido por impulsos e tentando sair de sua nulidade na massa para adentrar no sonho de um poema banal a ponto de falar sua linguagem sem necessidade de reflexão ou no sonho de uma foto de lindos bebês que, inexplicavelmente, se tornaram escritores, personalidades como as do cinema, modelos a serem seguidos, *clones* modeladores de identidade.

Pilhas, pilhagens

O suplemento antecessor de “Letras & Artes” em *A Manhã*, durante o período

getulista, foi “Autores e Livros”, jornal enciclopédico que privilegiava quase que puramente o texto. Sua falência agônica se prolongou após a queda de Getúlio graças à insistência de seu fundador, Múcio Leão, que tentou editá-lo independentemente do jornal *A Manhã*. “Autores e Livros” enfatizou mais que a falência ideológica do regime que representava: assinalou o fim de uma época, o fim de um modo de expor a cultura, que seria renovado por “Letras & Artes” em consonância com as mudanças do gosto da época.

Podemos dizer que “Autores e Livros”, em sua sanha enciclopédica de registro exaustivo da cultura brasileira, se norteava pela *empilhagem* em prol da história da civilização. Em Condé, retornando à questão do colecionador, podemos encontrar uma outra forma de acúmulo de cultura – a *pilhagem* – sendo essa uma outra versão iluminista da enciclopédia civilizatória.

Subtrair para somar

Condé, colecionador possuído pela coleção, como já se disse, a ponto de reconhecer o furto como ética para ampliar sua coleção, no desejo obsessivo de posse do objeto chega a anular a importância daquele que produz a sua aura “criando-o”: o colecionador, no artigo “Meu amigo Zé Lins [do Rego]”, motivado pela doença deste, antes de sua morte, diz em boa transcrição, sua traição: “Vivi com ele os últimos cinco anos de sua vida, quase diariamente. Mas o meu maior

desejo era possuir, como colecionador literário, seus livros em manuscrito”.⁸

A mesma sanha se verificaria na tentativa de apossar-se dos bens de Monteiro Lobato, logo após a ida deste para Buenos Aires, em 1946, e que oferece mais pistas sobre como se dá a relação do colecionador com os objetos que busca para sua coleção: imaginoso, o colecionador cria a cena de uma aventura e suas batalhas para a posse do objeto, um bem que se conquista a duras penas, de onde se pode deduzir a justificativa do roubo.

Indo a São Paulo e não conseguindo convencer Edgard Cavalheiro a doar-lhe o espólio pretendido, Condé retorna frustrado e ferido na vaidade de colecionador, narrando sua insatisfação nos “Arquivos”, sob o título de “Missão em São Paulo ou o fracasso de uma expedição”, onde diz que Cavalheiro não se distraiu em nenhum momento para que ele pudesse se apossar de algum objeto.⁹ Missão, expedição, aventura.

No caso do arquivo de Lobato, Condé comprova na pele o poder conferido pela posse dos objetos, descobrindo que o espólio de um morto transcende sua vida, mais pelo poder simbólico acumulado que passa para seu possuidor, dando-lhe uma sobrecarga em seu próprio capital, que pela falácia de que a obra continua o autor.

Em suma, o colecionador, ou pelo menos esse colecionador do qual tratamos, cabe perfeitamente na metáfora de Machado de Assis. Caso se queira dar a ele um rosto, outro não terá que aquele do “verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver” e ao qual, apesar disso e por causa disso, com simpatia o escritor lhe dedica a obra, com “saudosos lembrança”.

6 *Revista da Semana*, ano XLVII, n. 11, 16 mar. 1946. Numa outra reportagem, a mesma revista conta o cotidiano do “Solitário da Avenida Beira-mar”, Manuel Bandeira, abundantemente ilustrada com fotos do poeta lendo, escrevendo, deitado, posando, fazendo café, olhando a janela, tocando violão, “privando com as musas”... *Revista da Semana*, ano XLVII, n. 18, 4 maio 1946.

7 Cf. Silvano SANTIAGO, “A trajetória de um livro”, in Mário de ANDRADE, *Maanaima, o herói sem nenhum caráter*, edição crítica por Telé Porto Ancona Lopez, Paris, Archives; Brasília, CNPq, 1988, p. 182-93, Coleção Arquivos. Nesse ensaio, Santiago relata a parca circulação de *Maanaima*, tido como um dos mais importantes do modernismo e pertencente a um autor idem, o que nem por isso deu a ele o consumo proporcional à fama, justamente pela inexistência de um mercado constituído de bens simbólicos.

8 CONDÉ, “Meu amigo Zé Lins”, in José Lins do REGO, *Obra reunida*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1976, v. II, p. 11-5.

9 Idem, “Os Arquivos Implacáveis”, *A Manhã*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 14/15, 8/15 set. 1946, suplemento “Letras & Artes”, p. 8-9.